

OS CAMINHOS DA NOVA POESIA BRASILEIRA

Alcides Buss *

A consciência participante

Necessariamente, além da questão da vanguarda, é outra a preocupação mais importante que penetra a produção poética brasileira a partir dos anos 60. De maneira sempre mais incisiva, essa preocupação evolui ao longo destes mais de 20 anos e impõe-se com plena nitidez nos dias atuais. Percebeu-a Nelly Novaes Coelho: “Há, sem dúvida, um ritmo essencial a marcar a nova poesia brasileira: é o épico — o ritmo dinâmico do FAZER que veio substituir o lírico CONTEMPLAR que marcou a poesia imediatamente anterior: a poesia metafórica da geração de 45” (1).

Esta moderna *épica* é resultado da atitude humanística que emerge nos novos poetas, associada ao florescimento de uma verdadeira consciência participante. Consiste, basicamente, na busca de uma identificação, sempre maior, entre o ser individual e o ser coletivo. E também a linguagem adquire esta dimensão “coletiva”. A matéria verbal e a experiência existencial se incorporam numa poesia de conhecimento da linguagem, do homem e do mundo.

Essa nova poesia apresenta uma dupla configuração. O poeta, de um lado, desmitifica-se e assume-se como ser social, humana e precária criatura sujeita às mesmas condições de sobrevivência da maioria. Nesta condição se esforça por apreender e compreender a realidade, e dar significado a esta realidade no poema. Na outra parte dessa nova configuração, destaca-se a preocupação, também assumida pelo poeta, de levar o poema até o leitor e, mais do que isso, levá-lo (o leitor) também à apreensão e compreensão da realidade.

A poesia atual revela-se numa nova perspectiva histórica. Se o homem sobrevive no indivíduo, o indivíduo sobrevive no ser coletivo. Além de emocionar através da força de sua arte, a poesia questiona, denuncia e indaga, criando no homem a possibilidade de uma revelação mais sincera do universo do qual faz parte e criando uma postura humana e crítica diante deste mesmo universo.

A própria vanguarda radical instaurada em 56, com o Concretismo, em alguns aspectos equivocada e destinada à retração, foi absorvida nos aspectos úteis de sua lição. O Neoconcretismo, que veio a seguir, foi já uma retomada de caminhos mais conseqüentes, instaurando uma poética participante de cunho sócio-político. Mas a grande parte da poesia destes últimos anos não está preocupada com rótulos, a não ser em cumprir de maneira realista o seu anseio humano, o seu desígnio épico-existencial.

Adequação à vida moderna

Outra característica da moderna poesia é o seu inocultado interesse por adequar-se às condições de consumo do homem contemporâneo. Neste sentido, o espírito de pesquisa formal está presente, não na diretriz individualista de procura de originalidade artística, como fizeram os primeiros modernistas, mas de uma preocupação construtiva vinculada à alternativa épico-existencial. O poema é objeto para ser consumido, pois só assim a poesia cumpre a sua função. A pesquisa formal, então, direciona-se para a eficiência da ação poética. Sem descuidar-se do aspecto literário, o poeta se volta para o lado prático, explorando a possibilidade de melhor adequação do poema às condições de vida, ao cotidiano das pessoas.

Um exemplo desta nova diretriz nos é dado justamente por um poeta saído de uma geração essencialmente voltada para uma poesia intimista e metafórica: João Cabral de Melo Neto. Evoluindo de uma obra hermética e inclinada sobre si própria, toda a primeira fase de sua poesia passa a produzir uma obra de grande qualidade artística e ao mesmo tempo caracterizada pela diretriz épico-existencial. Impregnada de conteúdo social, esta obra (*O cão sem plumas, O rio, Morte e vida severina*) inaugura também novas perspectivas em termos de comunicação. *Morte e vida severina*, um auto natalino do Nordeste, conseguiu expressivo sucesso de público através de interpretações no teatro e na televisão.

A relação da poesia com os inúmeros meios de comunicação, inclusive os de massa, é reexaminada. O modernismo de 22, cultivando a linguagem do EU, acabou por isolar quase que completamente o poema. Esta marginalização tende a ser agora superada, dentro de uma nova mentalidade que inclui a destruição de preconceitos, entre os quais o preconceito do intelectual em relação aos veículos de comunicação de massa.

Diante desse novo quadro de coisas, o próprio livro passa a ser questionado como suporte para o poema. Considerado mesmo obsoleto pelos concretistas, o livro permanece como uma opção, mas evolui para outros meios certamente mais funcionais, como folhas avulsas, murais, calendários, roupas, cartões postais e inúmeros outros objetos e soluções.

Procurando a necessária funcionalidade, até o corpo pode ser considerado um meio correto para levar-se o poema ao leitor. A Catequese Poética, um movimento iniciado na década de 60 sob a liderança de Lindolf Bell, responde positivamente com seu testemunho a esta possibilidade. Através da presença humana do poeta e de sua voz, o poema pode fácil e eficientemente chegar a enorme número de pessoas.

Todos fazemos parte de uma conturbada América Latina. Nela avultam cada vez mais as contradições da sociedade de classe, a precária distribuição da renda, a miséria maciça, a alienação imposta às populações, a repressão violenta, o medo, a destruição da natureza e o colonialismo cultural. O poeta se descobre neste contexto, identifica-se com ele. Contra a esterilização das consciências, ergue o seu canto e o seu grito, a denúncia e a esperança. Não mais se sacraliza a literatura como instituição da cultura burguesa. O poeta quer interlocutores, não admiradores. Busca-se a identidade popular e a comunhão com as raízes do ser humano. E, diante dos objetivos de transformação social, resgata-se a palavra. Como diz o uruguaio Eduardo Galeano, "Somos o que fazemos, e sobretudo o

que fazemos para mudar o que somos”⁽²⁾. A procura de adequação do poema pois, às condições de consumo existentes, corresponde a uma atitude realista do poeta que, em sua consciência crítica, reconhece que a sua razão de ser está vinculada a uma função que tem a cumprir. Mais uma vez, valem as palavras de Galeano: “Nossa eficácia depende de nossa capacidade de sermos audazes e astutos, claros e coletivos. Oxalá possamos criar uma linguagem invasora e mais formosa do que a empregada pelos conformistas para saudar o crepúsculo”⁽³⁾.

Mais do que nunca, a nova poesia está integrada à realidade latino-americana e, particularmente, à brasileira. Mostra-nos Ferreira Gullar que, se o Concretismo, a exemplo de outros movimentos de vanguarda, tão depressa estiolou, é porque, atendo-se demasiadamente à dialética do formalismo, alienou-se da realidade à sua volta⁽⁴⁾.

O universo descontínuo

Vivemos uma época caótica, sem dúvida, onde é difícil ter-se uma imagem íntegra do mundo. As coisas se nos mostram fragmentadas e desconexas. E desta maneira, o escritor e o poeta, como demonstra Erwin Theodor Rosenthal⁽⁵⁾, refletem-nas na obra, recriando um verdadeiro “universo fragmentário”. Aí está, com certeza, uma marca estilística da nova poesia.

Diante da realidade flutuante, diante da descontinuidade do mundo, também o poeta se sente perplexo. Sua inquietação criadora traduz-se na procura de novas formas, mais coerentes com a realidade. Escreve-se sob o impulso de sempre recuperar a imagem perdida do mundo ou a face perdida da verdade. Cria-se um novo signo, o signo poético. Neste, significado e significante se fundem e se complementam. Quebra-se a norma. Da univalência à polivalência significativa, vai-se a uma outra ordem lingüística capaz de responder à função da poesia. A natureza meramente nocional da significação cede lugar a outra, também emocional, onde o coração participa. A linguagem, afastando-se da rigidez convencional, permite uma nova visão das coisas e do próprio homem.

Desta forma, valoriza-se o SER. Cria-se um nova razão de vida, que é também a solução da convivência, contra o individualismo egoísta. A alternativa do SER leva na sua essência a negação da ideologia do TER, imposto pela sociedade capitalista de consumo.

É claro que, se a função do intelectual, como mostra Paul Baran⁽⁶⁾, é a de ser um crítico social e um porta-voz das forças progressistas e transformadoras da sociedade, todo o individualismo exacerbado transforma-se em alienação, em desserviço. O desvio de caráter metafísico e o puro esteticismo negam a própria arte por negarem a sua função contemporânea. Quanto a isto, no próprio consenso popular pressensa-se uma ação judicativa e seletiva. Quase ninguém leu, por exemplo, o livro *Catatau* — uma obra fechada em hermetismo do autor paranaense Paulo Leminski. Escrever não é uma atividade intransitiva. DIZER ALGUMA COISA é uma das condições da nova poesia.

A condição humana é matéria e razão de ser da poesia. Como afirma o poeta brasileiro Nicolas Behr, em entrevista a Leila Miccolis, também poeta e ambos da geração mimeógrafo, a poesia está mais preocupada com o leite das crianças do que com o mel dos deuses⁽⁷⁾.

A evolução da poesia em direção ao homem

Uma das conquistas da nova poesia é a liberdade de expressão. Há muito o que dizer e também muitas formas de fazê-lo. Os poetas, no entanto, optam pelo caminho da vanguarda natural, servindo-se livremente da tradição poética nacional e universal. Paralelamente, a consciência crítica se fortalece, permitindo inclusive a revisão, em sentido construtivo, da experiência da vanguarda artificial ou provocada, representada principalmente pelos movimentos *Concretismo*, *Poema Processo* e *Poesia Práxis*. Em outras palavras, absorve-se a experiência vanguardista nos seus aspectos favoráveis à poética atual.

Até mesmo a música, segundo o testemunho de poetas e críticos, entre eles Affonso Romano de Sant'Ana ⁽⁸⁾, vem sendo utilizada para a difusão da poesia. Poetas de reconhecido talento como Paulo César Pinheiro, Fernando Brant e Capinan servem-se desta alternativa. Além do que, dentro desta perspectiva, muito compositores, a exemplo de Caetano Veloso e Chico Buarque, são considerados poetas contemporâneos. Embora esbarre no dilema de fronteira entre duas artes, essa comunhão entre música e literatura representa uma hipótese de ação poética importantíssima nos dias atuais, especialmente graças a seu grande potencial de comunicação.

Independentemente do caminho musical, no entanto, a poesia ganha espaço crescente e se afirma como possibilidade de revelação do mundo e de afirmação do homem. Suas características estilísticas também se definem, orientadas principalmente para o teor participante e funcional. Todas as técnicas são exploradas livremente. De forma especial entre os poetas mais jovens, renega-se a erudição e retoma-se o impulso descritivo, a oralidade, o humor e a ironia do cotidiano. Sobre qualquer artificialismo gratuito, valoriza-se a simplicidade.

Os poetas rompem os bloqueios. Em todas as partes do País surgem revistas e jomais de poesia, produzidos pelos mais diversos processos. Os poemas são distribuídos nas praças, nos bares, nos cinemas, nos teatros, nas escolas. Utiliza-se o cartaz e inscreve-se o poema nos muros da cidade. Formam-se grupos para o trabalho conjunto e organizado. Utiliza-se o mimeógrafo. Realizam-se passeatas, festivais e exposições de poesia. Difundem-se o debate e o recital. Implantam-se concursos. Editam-se suplementos e antologias.

A poesia evoluiu em direção ao homem. Não está sendo feita para os livros de crítica e de história literária, nem para os alienados discursos acadêmicos. Vanguarda que se impõe de fora para dentro não é vanguarda, e pouco interessa. O novo ritmo, épico-existencial, nasce no homem presente. Ante o desafio da sobrevivência, a poesia se realiza como arte solidária, expressão do ser coletivo.